

# Performatividades e o existir a partir do (não) gênero

**Luiza de Oliveira Monteiro**

Graduanda em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA.

**Contato:**

luiza.monteiro@aluno.unila.edu.br

**Palavras-chaves:**

Feminismo, Gênero binário, Performatividade, Não-binarismo

**Keywords:**

Feminism, Gender binary, Performativity, Non-binarism

**Resumo:** Este ensaio busca trazer questionamentos acerca das causas e consequências da determinação da lógica binária de gênero. Partindo de uma perspectiva pessoal<sup>1</sup> baseada em suas vivências, a autora discute os processos de (auto)legitimação do gênero se utilizando de conceitos como a performatividade de Judith Butler e a heterossexualidade compulsória de Eve Sedgwick, explorando o funcionamento e os resultados do alinhamento sexo-gênero-sexualidade normativo que é esperado e imposto aos indivíduos. Com isso, são trazidas reflexões sobre os posicionamentos e objetivos dos movimentos feministas no que tange ao binarismo de gênero e sua (des)construção.

**Abstract:** This essay seeks to raise questions about the causes and consequences of gender determination according to binary logic. From a personal perspective based on her experiences, the author discusses the processes of (self)legitimacy of gender using concepts such as Judith Butler's performativity and Eve Sedgwick's compulsory heterosexuality, exploring the functioning and results of sex-gender-sexuality normative alignment that is expected and imposed on individuals. In this way, reflections on the positions and objectives of feminists movements regarding gender binarism and its (de) construction are brought forward.

"Luiza" é o nome que consta na minha Certidão de Nascimento. Meus pais, como lhes fora ensinado, associaram a minha vagina a um nome, a um gênero e, conseqüentemente, a uma sexualidade específicos. A ideia comum que se tem sobre gênero e sexualidade cabe em uma espécie de *consenso social*: se a criança recém-nascida possui órgãos reprodutivos e genitais de um ser fêmea ou macho, ela será mulher ou homem. Após essa constatação, tem início uma série – fixa, diária e contínua – de processos de atribuições e expectativas socioculturais em torno dessa criança, relacionados a sua formação como ser-binário.

*"O feto já não é feto, é um menino ou uma menina. Essa revelação evoca um conjunto de expectativas e suposições em torno de um corpo que ainda é uma promessa. Enquanto o aparelho da ecografia passeia pela barriga da mãe, ela espera ansiosa as palavras mágicas que irão desencadear as expectativas. A ansiedade da mãe aumenta quando o aparelho começa a fixar-se ali, na genitália, e só termina quando há o anúncio das palavras mágicas: o sexo da criança. A materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto. Toda a eficácia simbólica das palavras proferidas pelo/a médico/a está em seu poder mágico de gerar expectativas que serão materializadas posteriormente em brincos, cores, modelos de roupas e projetos para o/a futuro/a filho/a antes mesmo de o corpo vir ao mundo. [...] Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo" (BENTO apud CAIENE, 2016, p. 2).*

Aos dois meses de idade tive as minhas orelhas furadas para brincos, sem a possibilidade do meu consentimento. Desde o primeiro dia de vida – e já antes do meu nascimento – me foram compradas roupas de tipos, cores, estampas e tecidos específicos. Fui criada, vestida, higienizada, enfeitada e podada para minimamente parecer uma menina.

Sabemos que os seres humanos descobrem, absorvem informações, compreendem-nas e se organizam a partir, principalmente, da percepção visual. Do mesmo modo, somos descobertos, absorvidos, compreendidos e organizados a partir dela. *Más allá?*, ocorre uma autopercepção: nos descobrimos, nos absorvemos, nos compreendemos e nos organizamos a partir do visual. Não excluindo outros sentidos e formas de percepções sensoriais, mas é especialmente do ver que tiramos os nossos *ser(es)* e *querer(es)*. É seguindo a lógica do "sou vista" = "existo" que a sociedade nos obriga a sermos *exterior*. Somos seres imagéticos, prezamos aquilo que é e pode ser visto, e dessa forma criamos um sistema coletivo, consensual e julgador de [auto]legitimação.

Com isso, surge o questionamento: teria eu sido *menos* mulher se não tivessem furado as minhas orelhas? Teria sido mais difícil e menos clara a minha identificação enquanto mulher? Tomando todas as inúmeras expressões e estereótipos ocidentais do gênero feminino: se eu não tivesse me apropriado – de forma facultativa ou coercitiva – desses elementos, eu não seria mulher?

**Gênero: expressão, performance e identidade**

Nos anos 60 e 70, o gênero foi pensado e conceituado como "diferença sexual"<sup>3</sup>. Após esse período,

**1** Luiza de Oliveira Monteiro, mulher cisgênero, não-heterossexual. Escrevo desde uma perspectiva latino-americana, ocidental e colonizada.

**2** *Más allá* (espanhol): *mais além; para além*; Às pessoas leitoras desse ensaio, esclareço que os pontuais momentos de utilização do idioma espanhol tem sua origem à partir do meu local de fala. A UNILA prevê em seu Plano de Desenvolvimento Institucional o bilinguismo português-espanhol e a integração cultural, acadêmica e epistemológica entre os diversos países da América Latina e, portanto, como estudante da instituição, me vejo utilizando naturalmente algumas palavras e expressões nesse idioma - as quais em muitas ocasiões me contemplam mais do que a minha língua materna.

**3** Conceito criticado por Lauretis, T. em *A tecnologia do gênero* (1987).

**4** *Plantear* (espanhol): *apresentar; propor; expor*.

outros conceitos foram pontuados e há diversos conhecidos atualmente. Creio que cabe aqui o entendimento dessa palavra pela filósofa estadunidense Judith Butler (2003). Em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2003), a autora *plantea*<sup>4</sup> que vivemos sob a custódia de uma ordem compulsória que exige a coerência linear entre sexo biológico (genitália), gênero e prática-desejo obrigatoriamente heterossexuais. Para Butler (2003), o conceito de gênero está relacionado à legitimação dessa ordem, como uma ferramenta expressa pela cultura e pelo discurso, que coloca o sexo e as divergências sexuais para fora do campo de análise social. É uma construção social complexa e (re)inventada incessantemente por subjetividades atuantes e imposições socioculturais sobre os corpos. É o gênero que aprisiona o sexo em uma característica biológica e natural e o *aleja*<sup>5</sup> de possíveis críticas e desconstruções.

*"(gênero) é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser" (BUTLER, 2003, p. 59).*

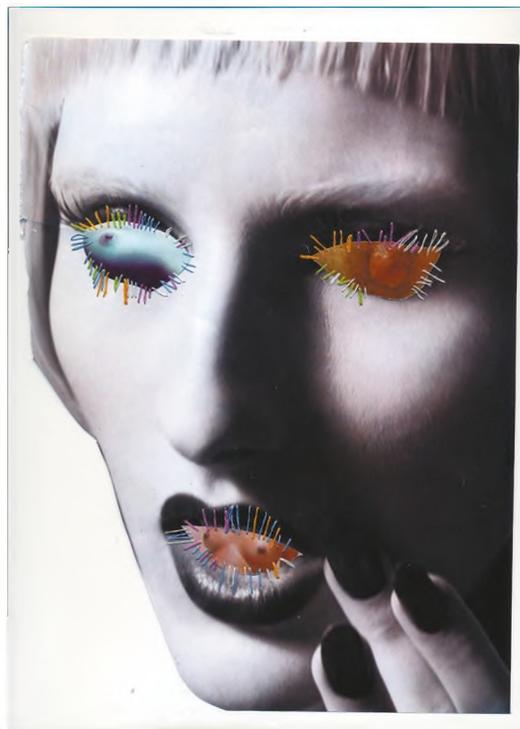
Há, ainda, o chamado papel de gênero – que muda conforme a sociedade e o tempo –, constituído a partir do consenso estabelecido culturalmente para a manutenção das atribuições binárias, determinando o que é próprio ou não para cada sexo<sup>6</sup>. Os papéis de gênero definem e condicionam o *ser* masculino e *ser* feminino, e são produtos de inúmeras e distintas *tecnologias sociais* como as artes visuais e literárias, os discursos, as epistemologias e as práticas institucionalizadas, que servem como implantadoras dessas atribuições (LAURETIS, 1987). O problema está no fato de que esses papéis são hierarquizados e são criadas e estigmatizadas certas diferenças entre eles, para a legitimação de um binarismo inflexível, no qual cada característica dita feminina/masculina seja única e exclusivamente de seu respectivo sexo. Isso se dá, por exemplo, em relações de oposição homem-mulher: o primeiro é forte, viril, habilidoso e possui uma tendência natural à liderança. A segunda é fraca, passiva, incapacitada e submissa. Ou seja: não é a diferença sexual entre macho e fêmea que delimita a problemática do gênero, mas sim as formas de como ela é representada na cultura através da maneira de pensar, falar e agir, dentro de um sistema normativo-coercitivo.

Lauretis (1987) aponta que gênero é representação e se concretiza no comportamento dos sujeitos:

*"Ao afirmar que a representação social de gênero afeta sua construção subjetiva e que, vice-versa, a representação subjetiva do gênero – ou sua auto-representação – afeta sua*

*construção social, abre-se uma possibilidade de agenciamento e auto-determinação ao nível subjetivo e até individual das práticas micropolíticas cotidianas" (LAURETIS, 1987, p. 215).*

A afirmação da autora pode dialogar com as discussões de Butler acerca do que ela denomina como *performatividade de gênero*. Parafraseando Simone de Beauvoir (1949) com "não se nasce mulher, torna-se uma", a filósofa apresenta o gênero como uma atuação performativa compelida pelo consenso social, na qual o corpo atua como reprodutor de signos, repetindo atos que corroboram as noções prévias de gênero; o corpo é vulnerável a esses signos – como a linguagem e a vestimenta – pois eles operam en-



Maíra Lima

quanto o corpo é feito, recebido, sustentado e ameaçado por eles. Butler reforça a atuação performativa da fala, afirmando que o ato de fala obriga o corpo-sujeito a interagir socialmente, e conseqüentemente, a ser regulado e legitimado.

A maleabilidade do gênero revela a própria complexidade do ser e mais além, do ser social e das estruturas sociais que o abrigam e que atuam sobre ele. Em meio a todas essas imposições, construções e reproduções, há a subjetividade do indivíduo, que, como já pontuado, se autorrepresenta e autodetermina. Desse processo, o indivíduo se compreende em relação a sua identidade, como uma percepção psicológica ou a autoafirmação quanto ao seu gênero e à sua sexualidade – não esquecendo que assumir identidades é, também, um posicionamento político; portanto, devemos considerar o potencial identitário das múltiplas relações possíveis fora do consenso social

<sup>5</sup> *Alejar* (espanhol): *distanciar; afastar*.

<sup>6</sup> O termo "sexo" aqui utilizado refere-se à conceitualização do senso comum de que mulher é quem tem vagina e homem é quem tem pênis.

### O "sair do armário" dos gêneros através da performatividade

Para além da identidade de gênero, existe a identidade sexual – o que é comumente chamada de "opção sexual" ou "orientação sexual". A sexualidade é o que nos define enquanto seres que buscam o prazer, a descoberta das sensações proporcionadas pelo contato com outras pessoas ou com nós mesmos para a satisfação dos desejos de nossos corpos. A identidade surge, então, a partir de como se dão as nossas relações sexuais e afetivas com outras pessoas e de quem são essas pessoas. Atualmente, existem dezenas de identidades sexuais nomeadas, sendo as mais conhecidas – do ponto de vista da nomenclatura, não da prática – a heterossexual (mulheres que se relacionam com homens e homens que se relacionam com mulheres), a lésbica (mulheres que se relacionam com mulheres), a gay (homens que se relacionam com homens), a bissexual (homens e mulheres que se relacionam com homens e mulheres) e a assexual (pessoas que não se relacionam sexualmente). Da perspectiva do senso comum, entende-se que todas as (homo)sexualidades expressas fora da expectativa heterossexual são desviantes e minoritárias.

Eve Sedgwick (2007), teórica estadunidense, afirma que classificar a heterossexualidade como central e natural e a homossexualidade como periférica e produto da não-heterossexualidade é errôneo, pois todas as pessoas, identificadas em quaisquer gêneros e quaisquer sexualidades, estão inseridas em processos sociais de regulação de suas vidas e seus seres a partir da sexualidade; processos esses marcados pelo que a autora denomina como *heterossexualidade compulsória*. Esse conceito traz a discussão acerca da construção da nossa sexualidade, revelando que ninguém nasce heterossexual, é a sociedade que força todos a serem-no, pois ela serve de base para um sistema hierarquizado que beneficia com poder os homens que se relacionam com mulheres e que as subordinam. Assim, a sexualidade normativa – e dita "natural" – atua como um aparato de privilégio, onde apenas nesse regime as pessoas são reconhecidas, aceitas, inseridas e legitimadas pelas esferas sociais.

A teórica discute em seu texto *Epistemologia do armário* (2007) as significâncias, as formas e as consequências do *assumir-se* homossexual, popularmente conhecido como *sair do armário*.

*"No processo da auto-revelação gay, ao contrário, no contexto do século XX, questões de autoridade e de evidência podem ser as primeiras a surgir. Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar a conclusões? Afinal, o que você diz se baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais [ou, alternativamente, em algumas ações e não necessariamente em seus verdadeiros sentimentos]; que tal falar com um terapeuta e descobrir?" [...] Viver no armário,*

*e então sair dele, nunca são questões puramente herméticas. As geografias pessoais e políticas são, antes, as mais imponderáveis e convulsivas do segredo aberto" (SEDGWICK, 2007, p. 37-39, grifos da autora).*

O armário é uma forma de regulação da vida social de pessoas que se relacionam fora da norma heterossexual, funcionando como um dispositivo de proteção às consequências, nos âmbitos familiar e público, que viriam da declaração dessas pessoas como sujeitos que estão fora dessa norma. É baseado no segredo, nas *máscaras* criadas pela necessidade de não demonstrar sinais que denunciem seus desejos, para a manutenção de seu compromisso com a ordem social que o rejeita e o controla. O processo da saída do armário resulta na efetivação da autodeclaração dos indivíduos como não-heterossexuais. Entretanto, cabe pontuar que se trata de um processo contínuo, no qual a declaração dessa identidade ocorre inúmeras vezes, já que para cada familiar, a cada novo emprego, a cada novo amigo, o indivíduo se vê em frente a outras portas do armário, vendo-se obrigado a se reafirmar constantemente enquanto sujeito fora da norma.

Partindo dessa lógica, pode-se estabelecer um paralelo entre o *armário* para a sexualidade e o que seria um *armário* para o gênero, ao considerar que ambas as esferas se utilizam da autoafirmação e da performance para se consolidarem perante a sociedade. O fato de terem me registrado com um nome dito feminino quando nasci revela que, muito antes de sermos sujeito-sexualidade, somos sujeito-gênero. Ou seja: aprendemos e entendemos que devemos nos declarar homens ou mulheres o tempo todo, e apenas existimos enquanto um ou outro – vem daí a apropriação dos papéis [performatividade] de gênero. Para além da sociedade civil, isso se revela presente nas edificações burocráticas das instituições e do Estado, que nos obrigam a declarar um gênero – dentro do sistema binário – em documentos pessoais, formulários, fichas, cadastramentos e todo tipo de documentação legal. Selecionar a opção "F" ou "M" em um formulário de inscrição já é em si um ato performático.

Tratando-se de pessoas transgênero<sup>7</sup>, o armário funciona de maneira muito mais agressiva. Se as pessoas cisgênero<sup>8</sup> performam, mesmo que inconscientemente, de acordo com sua identidade – porque elas são e existem enquanto gênero –, as pessoas trans performam, muitas das vezes, para se posicionarem diante o mundo cis-heteronormativo.

*"As expressões se dão através da violência causada pelo preconceito ou o distanciamento do estranhamento do outro, que deslegitima e cria o desconforto por sentir se estranho da norma, por não ter acesso aos privilégios que contempla os que estão próximos. Por perceber que o esforço para ascensão não faz muita diferença e isso causa transtornos,*

**7** O termo *transgênero* (abreviação *trans*) se refere às pessoas que não se identificam com o papel de gênero esperado do sexo biológico determinado em seu nascimento. Também designa pessoas que não se identificam com as noções convencionais de homem ou mulher, combinando ou alternando as duas identidades de gênero. O prefixo *trans-* significa "além de", "depois de".

**8** O termo *cisgênero* (abreviação *cis*) se refere às pessoas que se identificam com o gênero e/ou o papel de gênero esperado do sexo biológico determinado em seu nascimento. O prefixo *cis-* significa "ao lado de" ou "no mesmo lado de".

*autonegação, vazio! Internamente preciso provar algumas vezes as mesmas coisas pra demonstrar que posso, que sou capaz e isso é bastante exaustivo e muitas vezes faz com que paramos no meio do caminho. Logo, se vestir vira uma ferramenta imprescindível ou um termômetro sentimental, falar acaba criando gigantescos obstáculos ou distanciamento do comum para chegar ao lugar do desconforto e descrevê-lo. Enfim, uma batalha para aproximar-se do que se acredita ser... Negando e recomeçando e se transformando para dar vazão ao sentir!" (sic. Grifo da autora.)<sup>9</sup>*

As instituições, por meio do processo de burocratização, e as pessoas, partindo da premissa "sou vista = existo", criaram como demanda a autoafirmação do "eu" – perpassando a necessidade da performance. A sociedade busca, então, explicações sobre o que cada corpo significa. Por isso, nessa lógica, uma pessoa trans binária só é homem ou mulher se **aparentar**, minimamente, ser homem ou mulher. E, para que ela pareça homem ou mulher, deve apropriar-se da performatividade e das expressões do gênero com o qual ela se identifica. A partir disso, surgem os questionamentos acerca da função do visual e do exterior para a transgeneridade.

*Em segundo lugar e coerente com o que foi dito, imaginemos as críticas que partem das identidades da drag queen, da travesti e de uma possível identidade butch no interior de alguns relacionamentos lésbicos. Essas identidades, como sugere Butler (2008), brincam com a lei de que de um sexo decorre um gênero, e mais do que isso, significam claramente que ser de um gênero parece inevitavelmente "teatralizar" a ideia original desse gênero, as "falas", a representação que esse gênero estabelece. Além disso, se é possível ser de um sexo e teatralizar o outro gênero, então o gênero parece ser um lócus imitativo, em que o gênero, além de ser uma "peça teatral", acaba sendo uma cópia em que alguém (homem ou mulher) imitam, respectivamente, o ser homem ou ser mulher de um outro alguém e assim indefinidamente. Mas, por exemplo, se um homem é a paródia de um outro homem e este também é a paródia de um outro homem esse processo é indefinido? Em outras palavras, a paródia da paródia retorna a um homem original? Um sujeito original de quem se copiou desde sempre? (PASSOS, 2012, grifos da autora).*

Dessa forma, questiono-me sobre o ser transgênero e o ser cisgênero. O que é ser um e ser outro, realmente? Por que somos um ou outro? Como uma pessoa se identifica com o gênero considerado oposto ou com o não-gênero? Essas perguntas nos levam ao cerne da discussão: o ser homem e o ser mulher –

ou, ainda, o *sentir-se homem* e o *sentir-se mulher*, e, a partir disso, sobre o que é ser trans dentro da lógica binária. Se uma pessoa designada mulher ao nascer se identifica como homem, ela deve ser **vista** como homem para realmente ser um? Caímos, então, na problemática de que os papéis sociais de gênero nos *teatralizam*.

Desde que meus pais pararam de escolher minhas roupas e pude começar a desenvolver meu próprio estilo visual, venho passando por uma série de situações de "confusão" acerca da *interpretação* das pessoas sobre o meu gênero. Mantenho meus cabelos bem curtos, uso bastantes roupas ditas masculinas (como camisas) e poucas ditas femininas (como vestidos). Por esse motivo, já fui interpelada em locais públicos com perguntas como "é menino ou menina?", muitas vezes vindas de crianças. Logo, mesmo que eu me entenda e me identifique como mulher, a sociedade por vezes me categoriza como pertencente ao gênero masculino, apenas pelo meu visual. O que isso significa? Se a sociedade me vê como ambos os gêneros, eu pertencço a ambos? Ou, se me construo sob uma mescla dos papéis de gênero binários, seria eu um sujeito fora do sistema cis-binário?

### O não-binarismo como prática subversiva

O chamado não-binarismo aparece como uma identidade trans (de não gênero) ainda mais complexa. Partindo da premissa de que o *ser vista é existir*, as pessoas não-binárias passam por um processo de percepção e legitimação pela sociedade muito mais subversivo. Se as pessoas cis e trans binárias são sujeitas à afirmação de seus gêneros por meio das diversas performatividades, as autodeclaradas não-binárias não conseguem se apoiar em bases legais, institucionais e sociais para se autoafirmarem. Selecionar a opção "F" ou "M" em um formulário de inscrição se torna impossível nesse contexto. Dessa forma, performar os papéis de gênero binários existentes resulta na resignificação de seus signos – e, logo, de suas performances. Não há signos que caracterizem o não-binarismo. A performatividade já não é relativa ao gênero masculino ou feminino, porque esses sujeitos não se definem homens e nem mulheres.

*"É, desde aqui, que penso minha não-binariedade e minha identidade trans: desde o rompimento, desde o constrangimento, desde a dúvida, o caos, desde a dissidência, desde o limbo do cientificamente improvável, desde os olhares de repulsa/dúvida/ódio, desde as más e boas impressões que me atingem, que me atravessam, diariamente, por todo lado, desde o banheiro que utilizo no Barrageiros [PTI, UNILA, Foz do Iguaçu] cuja placa diz: você é deficiente e tem demandas específicas [utilizo o banheiro pensado para pessoas com demandas específicas porque ele é o único, no mo-*

<sup>9</sup> Relato verbal concedido por Dionísio Martino, no dia 12 de julho de 2016, em entrevista via Facebook. Dionísio é uma pessoa trans não-binária, estudante de Antropologia da Universidade Federal da Integração Latino-Americana e moradora de Foz do Iguaçu.

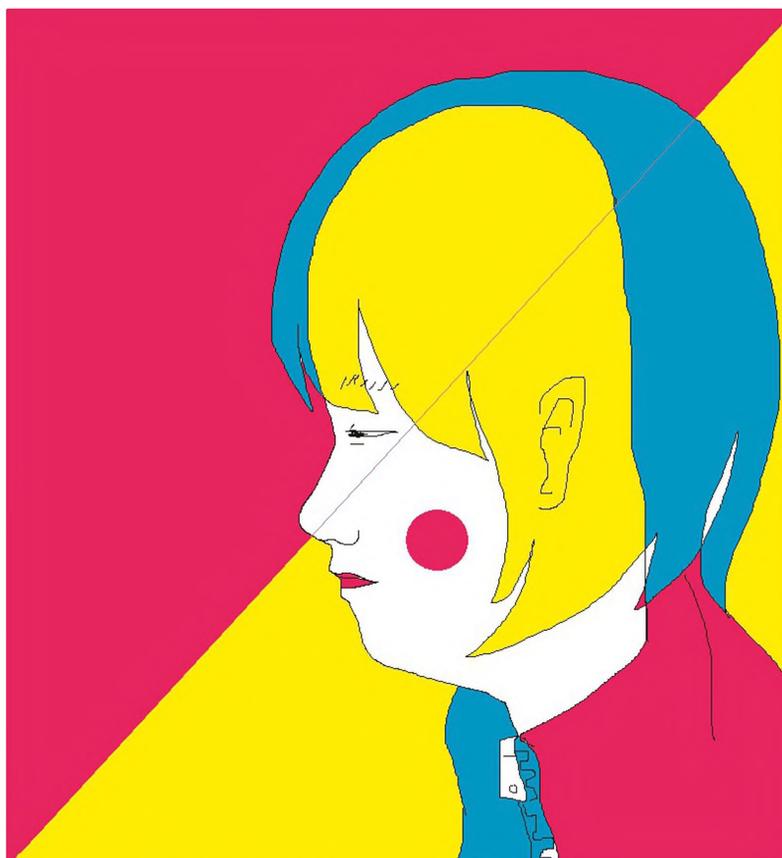
*mento, que não sugere somente identidades de gênero binárias” (REINIER, 2016, p. 4).*

Os indivíduos não-binários negam todos os papéis e expressões sociais, indo *más allá* do gênero. Sua sexualidade consequentemente também se retira da lógica heterossexual/homossexual, pois se não existe gênero, não existe sexualidade – visto que da perspectiva da nomenclatura e da legitimidade do senso comum, a sexualidade é definida a partir do gênero. Todos esses aspectos significam que, para uma sociedade binária de gênero (homem e mulher) e de sexualidade (heterossexual e homossexual), essas pessoas não existem. A autodeclaração enquanto não-binárias é, antes de tudo, uma atitude política. Elas subvertem os paradigmas dos sistemas burocráticos do Estado,

subvertem os paradigmas de religiões e subvertem os paradigmas de todas as bases, tradições, costumes e instituições sociais nas quais estamos inseridos.

### Considerações finais

Quando nós, pessoas que se identificam como mulheres, discutimos questões e problemáticas de gênero – principalmente dentro de espaços feministas –, muitas vezes acabamos vendo-nos inclinadas a um posicionamento de autoafirmação enquanto *ser mulher* como forma de empoderamento. Compreendemos os significados e as consequências dessa percepção e dessa afirmação (além dos recortes de raça e classe), e nos utilizamos disso como ferramenta de legitimação de demandas por direitos igualitários,



Ingrid Sá Lee

respeito e equidade de gênero.

A partir desta última demanda, posso chegar a um questionamento que vem sendo motivo de diversos debates dentro e fora dos movimentos: o que o feminismo objetiva em relação ao *ser gênero*? Eu, enquanto sujeito-gênero feminino que também é lido como masculino, questiono-me sobre a validade do processo de “afirmação do gênero para lutar por equidade de direitos [de gênero]”. É fato que talvez essa seja uma boa saída para as disparidades sociais que – ainda – enfrentamos hoje. No entanto, posicionar-se enquanto mulher é posicionar-se enquanto gênero e, portanto, perpetuar a lógica da categorização que produz tais disparidades.

Por isso, meu questionamento vai de encontro à contradição presente neste movimento – dialético por existência – que resulta na afirmação daquele mesmo binarismo que uma vez se apresentou enquanto obstáculo. Cria-se a necessidade de posicionamento do *ser mulher* para que a equidade com o *ser homem* ocorra, e a partir do alcance desse objetivo haveria uma resignificação diante de uma nova realidade dos papéis sociais – ainda dentro da lógica binária.

*“A existência de identificações não-binárias, além de essencialmente contestadoras, nos lava a fortes questionamentos quanto à estrutura de gênero que ‘rege’ a sociedade.*

[...] *difícilmente algum indivíduo corresponderá a todas as características consideradas inerentes ao gênero que lhe é designado. Nenhuma 'performance de gênero' é perfeita. Se o indivíduo "escolhe um gênero que lhe é mais próximo daquilo que sente que é enquanto ser-no-mundo", se as noções de gênero aprisionam nossos corpos e limitam nossa subjetividade, e se nem pessoas trans (que não se identificam com o gênero que lhes foi compulsoriamente designado ao nascer) e pessoas cisgêneras (que se identificam com esse gênero) são perfeitamente contempladas por essas noções de gênero, por que elas existem? [...] (ROBINSON, 2016, grifos da autora).*

Partindo da ideia de que não há uma performatividade integralmente masculina e uma integralmente feminina, a construção da distinção entre os gêneros na lógica binária não é coerente com a subjetividade humana. Entendendo que o que somos – visualmente – é produto de uma construção social, ao invalidar performances, a consequência que se tem é uma invalidação do que é visualmente significado como masculino ou feminino. Ou seja, a lógica "sou vista = existo" é alterada ao sair da imposta categorização de gêneros e diferenciação de seus papéis. Devemos, então, começar a rever o que define a percepção da nossa existência enquanto ser.

### Referências Bibliográficas

- BUTLER, Judith. (2003), *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 1ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LAURETIS, Tereza de. (1987), *A tecnologia do gênero*. Indiana University Press. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>>. Acessado em julho de 2016.
- PASSOS, Lucas. (2012), *O sujeito e o gênero socialmente construído: existe um "eu/nós" antes, um "eu/nós" depois, um "eu/nós" que constrói?*. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/02/18/o-sujeito-e-a-construcao-de-genero-existe-um-eunos-antes-um-eunos-depois-um-eunos-que-constroi/>>. Acessado em julho de 2016.
- REINIER, Caiene. (2016), *Feminina demais pra ser homem, Masculina demais pra ser mulher: sobre identidades trans não-binárias*. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/feminina-demais-pra-ser-homem-masculina-demais-pra-ser-mulher-sobre-identidades-trans-nao-binarias/>>. Acessado em julho de 2016.
- ROBINSON, Lorena. (2016), *O não-binarismo e a 'performance de gênero', de Judith Butler*. 2016. Disponível em: <<http://causasperdidas.literatortura.com/2014/06/26/o-nao-binarismo-e-a-performance-de-genero-de-judith-butler/>>. Acessado em: julho de 2016.
- SEDGWICK, Eve. (2007), *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu, 28, janeiro-junho de 2007:19-54. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acessado em julho de 2016.

Recebido em: 30 de julho de 2016.

Aprovado em: 08 de janeiro de 2017.